

Características da Tradição Tupiguarani no Sudeste do Brasil

Ondemar Dias (*)
Lílian Panachuk (**)

Introdução

Pode parecer desnecessária uma reabordagem da Tradição Tupiguarani, tema aparentemente esgotado de tão conhecido e motivo de algumas dezenas de publicações ao longo dos anos. Os trabalhos da última década somente teriam acrescentado novos detalhes, sem que fossem modificadas, no entanto, as suas linhas mestras. A própria evolução desses estudos, no entanto, permitiu que fossem elaboradas novas questões que enriqueceram o conhecimento e esclareceram peculiaridades deste complexo cultural.

Acontece, porém, que a penetração mais profunda e pontual em diversos aspectos daquela vasta Tradição acabou por demonstrar que o tema está muito longe do seu esgotamento e que a aceitação de algumas perspectivas generalizadas não se sustentam mais em função do avanço da pesquisa. Torna-se necessário, então, repensar-se o assunto de forma a contextualizá-lo frente aos novos postulados. Parece-nos sem dúvida que é de todo útil, como primeiro passo, a organização de sínteses que focalizem aqueles aspectos comprovados pelas pesquisas e que sumarizam os traços culturais dominantes em cada região, aos quais se somam as novas perspectivas, constituindo plataformas de manejo utilizáveis pelos interessados e sobre as quais se possa construir um novo esboço. É evidente, no entanto, que este “novo esboço” representará somente uma outra perspectiva periódica da realidade, que só terá aceitação enquanto uma determinada maioria de pesquisadores concordar com a sua validade, aliás como tudo o mais nas ciências sociais.

Nossa contribuição para este estudo se centraliza na abordagem daqueles traços que emergiram como os mais comuns, ou repetidos, e que, como tal, podem neste momento representar as tendências identificáveis de comportamento que, afinal, caracterizam aquela Tradição no Sudeste brasileiro, onde este autor e sua companheira de publicação atuam mais decididamente e onde, portanto, se encontram mais capacitados para colaborar na formulação deste quadro geral, com a experiência adquirida em muitos anos de pesquisas.

Colocações iniciais

Não vamos discutir aqui profundamente a questão, ainda focal, das origens deste grupo humano que a maioria dos arqueólogos considera vinculado a um único e grande ramo cultural, denominado, desde a década de sessenta do século passado como “Tupiguarani”, neologismo que atraiu a oposição de diversos pesquisadores ao correr do tempo, mas que foi proposto pelos seus criadores somente como um referencial (vide Brochado et alii, 1969). Considerava-se, então, que tal tradição (exclusivamente arqueológica) deveria englobar os povos dominantes encontrados ao longo do litoral brasileiro na época do descobrimento pelos portugueses, povos estes que apesar de apresentarem diferenciações dialetais e de se estenderem do rio da Prata ao Amazonas, podiam se comunicar verbalmente entre si, compreendendo-se

(*) Diretor Presidente do Instituto de Arqueologia Brasileira

(**) Colaboradora do Setor de Arqueologia do Museu de História Natural e Jardim Botânico/Universidade Federal de Minas Gerais e Mestranda da Universidade de São Paulo

mutuamente. Compartilhavam além disso, uma organização social próxima, um artesanato assemelhado em suas formas e decorações - no qual se destacava a cerâmica, uma rica tradição oral mal conservada pelos europeus, conhecimentos agrícolas compartilhados, além de usos diversos em comum, como mitos e festividades, entre eles aqueles relativos ao tratamento dos mortos, estes, os mais importantes para os arqueólogos, por se conservarem materialmente, enquanto a maioria dos demais ou foi assimilado ou desapareceu.

Dentro de tal grupo, a guerra funcionava como um elemento fundamental para a localização do homem no seu "status" social e como elemento incentivador de disputa territorial, posse de prisioneiros e prática de canibalismo. Sendo cada grupo organizado em torno de aldeias auto-suficientes, cercadas por uma grande área vital, praticavam a agricultura de derrubada e queima, o cultivo de diversos tubérculos e folhas, complementando sua dieta com a caça, a pesca e a coleta. Guerreiros e expansionistas, encontravam-se em plena fase de conquista da terra, num processo iniciado centenas de anos antes. Em diversos pontos do território, como no litoral Sudeste, povos mais antigos conseguiram opor tenaz resistência, preservando bolsões de tradições diferentes em pleno domínio Tupiguarani, como, por exemplo, os "Goitacá" no Estado do Rio de Janeiro. Além disso, certos setores ou compartimentos geográficos-ambientais pareceram não atrair a sua atenção, sendo este grupo raro nas regiões das serras mais altas, ou nos locais onde o cultivo da mandioca seria dificultado por fatores naturais.

Aceita-se como mais viável sua origem amazônica, sobretudo em função dos estudos de grotocronologia levados a efeito no século findo, mas não há igual unanimidade quanto aos seus caminhos de difusão.

Uma hipótese mais antiga propõe o que o deslocamento tenha ocorrido pelo interior do país, por pequenos grupos que subiram os rios tributários do rio Amazonas, de onde teriam acessado os formadores da bacia platina e alcançado o litoral, nos limites entre as regiões fisiográficas atuais do Sul com o Sudeste, em especial nas alturas da bacia do rio Tietê. Ali teriam se dividido em dois ramos, um se dirigindo para o Sul e outro para o Norte.

Discordando parcialmente desta rota, Brochado propôs uma alternativa, sugerindo que uma leva poderia ter seguido aquele caminho, originando os povos Guaranis do Sul, enquanto outra, em separado, atingia a foz do Amazonas, de onde teria se deslocado pelo litoral em sentido Norte-Sul, dando origem aos Tupis (1984). Esta posição é defendida também por Schmitz, para explicar o povoamento do Brasil meridional (1999:288). Posteriormente, desprezando a primeira leva, e mudando o nome da Tradição para "Pintada" ou "Policroma", Brochado propôs que todo o movimento ter-se-ia procedido pela rota litorânea Norte-Sul (1991).

Os defensores da primeira hipótese costumam identificar tais povos como vinculados à uma única Tradição original, que se dividiu em duas sub-tradições: aquela que viajou em direção ao Sul, seria denominada de "Corrugada", enquanto que a outra, que viajou para o Norte, seria identificada como "Pintada", enfatizando o padrão decorativo mais comum em cada ramo. Podem também, considerando ter sido a unidade proposta muito antiga (a "Tupiguarani"), entendê-los como formadores de duas Tradições específicas, a "Guarani" ao Sul e a "Tupi" ao Norte. Neste caso, a ênfase se fez sobre a versão histórica e/ou antropológica, de base lingüística e se aproximando, portanto, da primeira proposta de Brochado (1984). Mantém, no entanto, a idéia de uma origem única, uma espécie de "Macro-Tradição" que se manteve unificada até a região do rio Tietê.

Os defensores da segunda hipótese, estruturada a partir da proposta mais recente de Brochado, preferem destacar a decoração policroma ou pintada, rastreando-a desde a Amazônia até o rio da Prata, como seu elemento identificador ou diagnóstico. Neste caso, onde quer que grupos humanos praticassem este tipo de decoração, teriam sido eles vinculados à uma única e à mesma Tradição da qual, na verdade, os "Tupi", "Guarani" ou "Tupiguarani" seriam, somente, grupos integrados.

A este respeito já expressamos nosso ponto de vista anteriormente (Dias Junior, 1994/5) considerando tal

perspectiva extraordinariamente difusionista, por se basear em um único traço (ainda que de importância cultural), desprezando inúmeros outros de igual ou maior relevância, entre eles até mesmo a morfologia do vasilhame, as demais decorações, as práticas funerárias, os padrões de adaptação, a utensilagem preservada, etc.

Naquela oportunidade apresentamos uma listagem de datações publicadas vinculadas à Tradição Tupi (Tupinambá ou Sub-tradição Pintada), que apontam claramente sua maior antiguidade no Sul, sendo cada vez mais recentes para o Norte, mas também este fator, o cronológico, parece não ter sido considerado como de relevância pelos defensores daquela posição, que continuam preferindo simplificar o processo e se agruparem em torno de um único e dominante traço morfológico. Diríamos, realmente com certo exagero, que é quase que a “tirania da pintura”, e da beleza da policromia, que enfeitiçou seus fiéis seguidores.

Na verdade, apesar de entendermos como um único macro-grupo, e neste caso, na nossa área de estudos, vinculado seja à Sub-tradição Pintada, ou à Tradição Tupi ou, ainda “Tupinambá”, não importando muito o apelido, o fato é que nem mesmo dois sítios apresentam materiais iguais. Cada grupo social, mesmo aqueles que constituíam uma única aldeia, possui elementos peculiares, próprios, manifestações individualizadas, seja em nível pessoal, seja em nível grupal. O que os une são as tendências repetidas, os percentuais de ocorrências deste ou daquele tipo - seja de decoração, de forma, de ritual, de localização das casas e aldeias ou do aproveitamento do espaço -, que normalmente só podem ser visualizados e entendidos se estudados em suas micro-diferenciações e observados sob o critério comparativo, com a devida ênfase nas semelhanças e nas diferenças de cada um em seu contexto global. Um conjunto de elementos que obviamente variam no tempo e no espaço, mas que tem para uni-los diversos padrões que se repetem e se manifestam ora de forma sutil, ora bem explícita.

Nossos estudos, iniciados em 1961 e que se estendem até o presente, sempre partiram da análise comparada de todo o material recolhido em cada sítio, seja internamente, seja entre os sítios de uma mesma região fisiográfica. Foi este estudo comparado entre sítios que proporcionou uma visão abrangente, onde pudemos identificar grupos que se aproximavam pelas suas semelhanças e onde, obviamente, as diferenças eram menos significativas, formando unidades médias que denominamos “fases”. Estas se distinguiam de outros grupos, ou de outras fases, pelas diferenças notadas entre elas, apesar dos fatores semelhantes que as vinculam a uma mesma Tradição, e que podiam, mesmo, ocupar áreas contíguas e até habitar antigos sítios abandonados por seus antecessores.

Ainda que, para muitos, as fases sejam somente unidades classificatórias, entendemo-las como representações arqueológicas de sociedades - no caso dos Tupiguarani, tribais -, que ocuparam espaços próximos, durante um tempo não muito longo e que se relacionaram com o meio, e entre si, de forma culturalmente compartilhada, e que são materializadas pelos elementos materiais preservados. Neste caso, as fases tanto podem resultar dos restos culturais deixados por mais de um grupo humano que compartilhou sistemas, usos e costumes comuns e que interferiu tecnologicamente no meio segundo conceitos, comportamentos ou modos de longa duração transmitidos através de gerações (a Tradição), como até mesmo um único grupo tribal se deslocando através do tempo em uma área vital ampla e que tanto pode reocupar sítios anteriormente habitados por eles, quanto outros pontos ocupados por povos diferentes. Estuda-se, mesmo, hoje, quais os elementos que podem ser detetados nos dados analisados, e sobretudo nas micro-diferenciações culturais, que permitam diferenciar um tipo de fase do outro.

Neste momento, e deixando esta discussão de lado, por mais instigante que seja ela, vamos sumarizar o quadro da ocupação Tupiguarani do Sudeste, nas áreas ocupadas pelos territórios do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Os textos que se seguem, ainda que de autores diferentes, e respeitando, inclusive abordagens diferenciadas, se complementam e fornecem ao interessado, um quadro atualizado do que se conhece atualmente sobre esta importante tradição cultural na nossa região.

Fase Guaratiba



Sítios arqueológicos no litoral do Estado do Rio de Janeiro

Fase Ipuca



Mapa da área litorânea leste do Estado do Rio de Janeiro, com os sítios arqueológicos encontrados.

Figura 1, feita por A. Carvalho, do MHNJB/UFMG

O Litoral Sudeste (Rio de Janeiro)

Caracterização Regional

O primeiro grupo de sítios que pesquisamos (1964/5), apresentando similaridades suficientes para identificá-los como pertencentes a uma única fase, ocupava terrenos baixos localizados na orla dos rios que deságuam nas baías da Guanabara ou na de Sepetiba. A maioria deles assentados sobre pequenos tesos, ilhados no “apicum”, numa área rica em recursos marinhos, próxima ao Oceano e aos cursos d’água orlados de mangues. As datações mais antigas os encaixaram em um passado relativamente remoto, em termos desta Tradição. Trata-se da fase *Guaratiba*, (Dias Junior, 1967) cujas datações variam de 1.650 a 800 anos passados. As datas mais antigas foram obtidas por Crâncio (1987:173) para o sítio do Zé Espinho, não pesquisado por nós (um sambaqui reocupado pelos Tupis). Alguns dos sítios do lugar foram escavados por Beltrão, que os entendia como acampamentos sazonais para a coleta de mariscos, proposta perfeitamente viável, aliás. Aquela autora também associou à fase, sítios da Ilha do Governador, lugar que, com suas praias de baía, águas mornas e orla marítima com manguezais, possui meio ambiente coerente com aquele em que se localizam os primeiros sítios da fase (Beltrão 1969). Um sítio abordado por nós, naquela mesma ilha, sobre o qual se ergueu o “engenho Velho”, um dos mais antigos do Rio, já funcional nos anos finais do século XVI, forneceu a nossa data mais antiga, em torno do século nono da nossa Era.

Os sítios desta fase são peculiares e não muito extensos, pois embora variem, suas dimensões são inferiores, no geral, aos mil metros quadrados. Aparentemente, nunca se estendeu muito no espaço, ainda que os seus pontos extremos, entre Guaratiba e Pacobaíba ultrapassem os 50 quilômetros em linha reta.

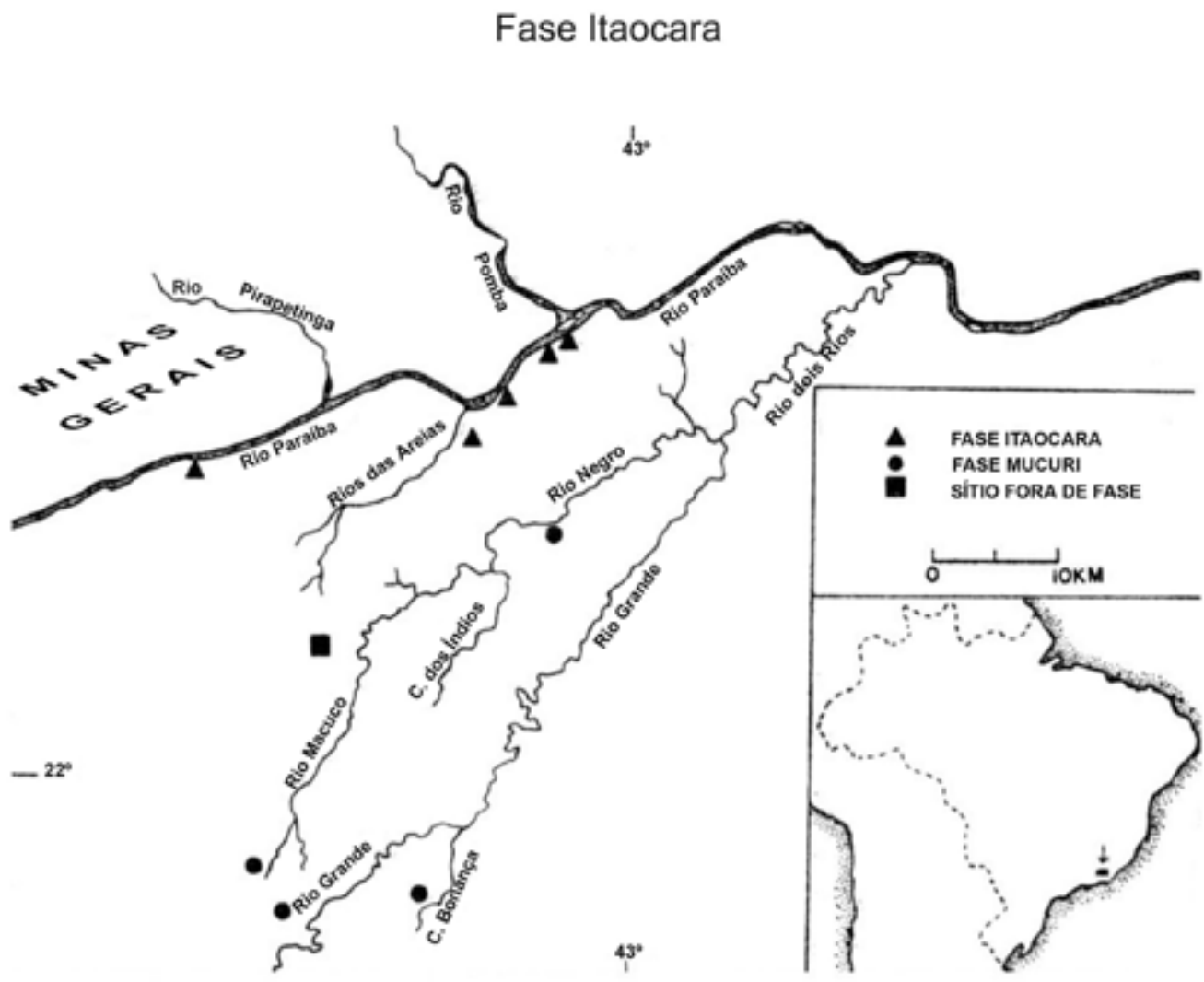
É possível que um sepultamento em urna localizado por Salles Cunha, na ilha do Governador se vincule a esta mesma fase, de resto pobre em evidências do tipo (1960). Em relação à decoração predominante na cerâmica, há certo equilíbrio entre as peças pintadas, bi ou policromas, decoradas com os motivos que se tornariam padrões para a região e o corrugado, também no estilo regional próprio, isto é, com variação na mesma peça, conforme descreveremos adiante com mais detalhes.

Segue-se-lhe a fase *Sernambitiba* (Dias Junior, 1968), esta aparentemente a mais extensa e de intensa ocupação da Tradição em nossa área. Dominou parte do espaço da fase Guaratiba, mas diferentemente da anterior, seus sítios estão localizados preferencialmente em terrenos arenosos, desde as praias de mar aberto ou lagunares, aos terrenos em meia encosta, sobre as colinas “*em meia laranja*” da Baixada da Guanabara. Sua área de dispersão ultrapassa a da anterior, desde a região de Sepetiba até a baía Formosa, em Rio das Ostras, sempre ocupando terrenos areno-argilosos colinares, próximos a pequenos córregos e excelentes para o cultivo do aipim, do amendoim, etc.

É a fase mais conhecida, cujos sítios, em especial na região dos Lagos fluminenses, vem sendo intensamente pesquisados ao longo dos anos, por nós, na Base Aérea Naval de São Pedro da Aldeia, por Kneip (1978) na “Venda Grande” ou por Buarque (1996 e 1999) no “Morro Grande”, ambos em Araruama.

Seus sepultamentos caracterizam os padrões regionais e a eles retornaremos adiante. Ainda que os motivos decorativos se aproximem muito da fase anterior, há um ligeiro predomínio da pintura sobre o corrugado. Sítios grandes, podem alcançar mais de 3.000 m.² de extensão. Acreditávamos fosse mais recente do que a fase Guaratiba, pois dela possuímos uma datação que a situa no século XIV, mas uma outra mais recente recuou em 1.100 anos a sua duração (Buarque, 1999). A vastidão cronológica desta e da fase Guaratiba remete, sem dúvida, à necessidade de novos estudos.

Do centro ao Norte do Estado se localizam as demais fases reconhecidas por nós. Sítios isolados (campos de urnas) foram encontrados em Macaé, mas não conhecemos qualquer descrição para os mesmos, a não ser notícias esparsas e não publicadas cientificamente.



Sítos arqueológicos no vale do rio Paraíba e afluentes,
Estado do Rio de Janeiro

Figura 2, feita por A. Carvalho, do MHNJB/UFMG

Dois sítios localizados nas proximidades da Lagoa Feia, em seu extremo meridional e outros dois situados na margem direita do rio Itabapoana. constituíram a fase que recebeu o nome daquele rio (Dias Junior:1969). São sítios superficiais, de acampamento, em terrenos de antiga floresta, sobre o imenso mar de morros do interior (mas ainda assim, bem distantes da Serra do Mar) ou nas proximidades da foz daquele rio divisor dos Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo. São de reduzidas dimensões, sem estratigrafia, em torno dos 300 metros quadrados, mas um deles atinge marcas bem maiores (cerca de 3.000 m²). O material recolhido é de confecção pouco cuidada, além do mais muito erodido, onde (talvez por isto mesmo) a decoração pintada é reduzida e o escovado, junto com o unglado, tornam-se tão populares quanto o corrugado. Não possuímos datação para ela, mas aparenta ser recente e pode até mesmo se vincular aos grupos que, derrotados no litoral, se internaram pela região após a conquista européia.

A fase Itaocara, composta por cinco sítios pequenos, que é ainda menos rica em material pintado, também ocupa a morraria do interior, normalmente sobre elevações de cota em torno dos 50 metros, sobretudo nas vertentes mais protegidas dos ventos dominantes e localizadas nas proximidades do rio Paraíba, em seu médio curso. Os sítios se assentam nas cercanias das margens, nas fraldas dos morros vizinhos e até sobre uma pedreira de gneis, em São Sebastião do Paraíba. São aldeias de ocupação reduzida, sem estratigrafia, sobre terrenos posteriormente revirados pelos arados. Predomina a decoração plástica e, nela, as peças com corrugações simples, unglagens, acanalado, etc. Como fator diferencial, é relativamente grande o número de peças carimbadas (Dias Junior:1969).

A fase Ipuca, com quatro sítios, é também muito interessante, por ocupar uma área extensa em São Fidélis, com cerca de 7.000 m², por nós registrada como “sítio do Horto” (Dias Junior:1969). Este local foi pesquisado também pela equipe do Centro Brasileiro de Arqueologia (CBA) que o denominou “Sítio dos Coroados”, isto porque ocupa o espaço de uma antiga redução jesuítica que deu origem à cidade. Apesar das divergências, entre os historiadores, aparentemente os “Coroados” não eram Tupis, contrariando o fato material que ali exumamos. O local atesta uma ocupação intensa, com uma camada espessa que forneceu rico material com características peculiares.

Os demais sítios se encontram muito espalhados. Dois deles em ilhas do rio e um último na bacia do rio Muriaé. A fase se caracteriza por possuir decoração tipicamente Tupiguarani, ao lado do polido-estriado, mas aplicada sobre vasilhame cuja tecnologia de fabrico, tipo de queima, espessura das paredes e até morfologia, os aproxima muito mais do material característico da Tradição Una, em especial da vizinha fase Mucuri. Sem dúvida, tecnologicamente representa uma fusão de traços de origens tradicionais diferentes.

A pintura é muito restrita (cerca de 1% do material), predominando as peças com decoração plástica, como o polido-estriado, o unglado, o corrugado complicado, etc.

Característica Gerais a Tradição Tupiguarani no Rio de Janeiro

Alguns traços emergem destes estudos, muitos deles reforçados pelos elementos publicados por outros pesquisadores. Ainda que nem sempre figurem na bibliografia os dados quantitativos necessários para um estudo comparativo seguro, pode-se garimpar informes e estabelecer correlações que seguirão válidas, pelo menos enquanto novos informes não as desmentirem.

Entenda-se, pois, que esta caracterização, apesar de vir sendo constituída ao longo dos últimos quarenta anos, é sempre relativa aos dados disponibilizados e acessíveis, sendo passível de reformulação em função do avanço da pesquisa.

Um primeiro elemento se coloca em destaque. Pelo menos no que tange às nossas observações, os artesãos desta Tradição, neste trecho do país, apesar de darem uma ênfase especial à decoração pintada do vasilhame, não a aplicou

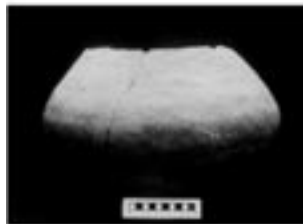
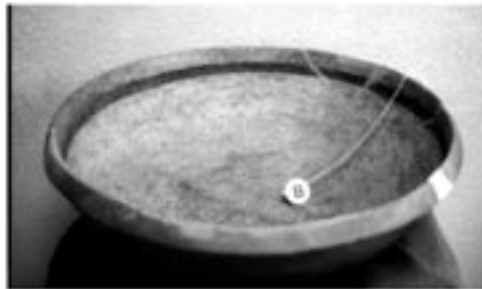
Vasilhames Tupiguarani no Estado do Rio de Janeiro



A. Carvalho, acervo do O. Dória



Reconstituição da posição das peças em um sepultamento



Peças do acervo IAB
Foto: L. Parachut

Figura 3, feita por A. Carvalho, do MHNJB/UFMG

em maior quantidade de peças do que uma outra qualquer decoração plástica “concorrente”. Esta tanto podia ser o corrugado, como o escovado e até mesmo o polido estriado. Para nós é a ênfase, a tipologia e as funções do vasilhame pintado que a caracteriza, assim como os seus intrincados padrões decorativos, motivos de estudo profundo de colegas que deverão ser também divulgados neste Volume.

Segundo: Observamos também que a pintura foi, na maioria esmagadora das vezes, aplicada na face interna de tigelas, pratos, assadores e até mesmo de vasos de boca ampliada, atingindo, no máximo, como limite, a região sub-labial ou parte externa da borda. Muito recentemente localizamos um conjunto de peças no qual três urnas, com ombros largos, foram pintadas na face externa. Tratava-se, no entanto de um sítio histórico ocupado a partir do final do século XVI, onde foram reunidos índios arrebanhados após a conquista, inclusive com a vinda de “Carijós” do Sul.

As peças fragmentadas foram enterradas no início da ocupação do sítio, de forma que podem se tratar de peças produzidas por povos alógenos, destoando, inclusive das demais de produção local (ver Dias Junior, 2003).

Apesar de termos interpretado, inicialmente, que tal conjunto seria exótico à região, uma vez concluídos os estudos de laboratório e organizado o gráfico da sua seqüência seriada, uma nova hipótese está se configurando, ou seja, de que se trata realmente de uma re-ocupação do sítio “Aldeia Velha III”, em Itaboraí. Este material indicaria a existência de um grupo humano da Tradição Tupi (Tupinambá ou sub-Tradição Pintada), com características mais próximas dos Guarani do Sul (sub-Tradição Corrugada), que ali fixou sua aldeia antes da chegada dos colonizadores europeus. Se novas pesquisas, sobretudo acompanhadas de datações absolutas, confirmarem a hipótese, teríamos ali a confirmação de um momento, muito antigo, em que as características das duas Tradições ainda se encontravam associadas.

Terceiro: Em relação às peças corrugadas também há uma constante. Normalmente o corrugado complicado foi aplicado em peças grandes, ou urnas periformes (ou hiperbólicas com carena). Sua evolução numa mesma peça também se repete, quase que como uma marca registrada. Começando bem marcado na borda, torna-se cada vez mais baixo (ou plano), menos ondulado em direção ao corpo da peça e produzido pelo uso de espátulas. Em geral, do meio para o fundo do vasilhame, transforma-se num mero raspado, com traços longos, verticalizados. No fundo restam resquícios que somente lembram o corrugado. Normalmente, no entanto, são eles lisos.

Aliás, de uma maneira geral, as peças corrugadas são produzidas pelo uso constante de espátulas, sendo raros os corrugados digitados, bem diferentes, portanto, das especiais peças do tipo comuns no Sul do país.

Quarto: Mesmo que não possamos estender esta observação para todos os sítios pesquisados por terceiros, e baseados, portanto e em especial, nas nossas próprias observações, constatamos que o percentual de peças decoradas é aqui normalmente inferior a 30% do total do material recolhido, sendo muito raras as exceções (considerando-se que as coletas de campo tenham sido completas e não selecionadas).

A ocorrência citada, do sítio Aldeia Velha III de Itaboraí, apresenta predomínio da pintura sobre todo o resto, daí nossa tendência a aproximá-la, pelo menos neste ponto, da Tradição do Sul. Aquela, no entanto, não apresenta a riqueza, nem o detalhamento pictórico, da pintura aqui registrada.

Quinto: No que diz respeito às formas, podem elas apresentar o uso peculiar de vasos com bordas cambadas, ou duplamente cambadas, como a peça símbolo do IAB, menores do que as urnas periformes, sendo poucas as peças com ombros bem marcados. As urnas com ombro e pescoço, comuns no Sul do país sempre foram muito raras na região. Mais uma vez, o material do sítio de Itaboraí se constitui exceção, com peças exibindo ombros e ombros duplos.

Sexto: Talvez a mais visível peculiaridade desta Tradição no Sudeste (algo que parece também se estender para o Nordeste) seja a variabilidade do desenho das bocas das vasilhas produzidas. Ainda que as urnas grandes e as peças pequenas sejam basicamente circulares, farto material de dimensões medianas pode apresentá-las elípticas, ovóides, retangulares ou quadrangulares (sempre com os ângulos suavizados, arredondados). Tem-se a impressão de que a grande inventividade na produção de perfis de formas encontradas no grupo Sul desta Tradição, foi aqui substituída

pela variação neste tópico específico da morfologia. Também a repetida aplicação de reforços externos nas bordas, ou o uso constante de bordas expandidas encontrados nas tigelas (circulares, elípticas ou de qualquer forma de boca) pode constituir um traço diagnóstico a mais.

Sétimo: Os enterramentos. Nós exumamos perto de meia dúzia deles em sítios vinculados à fase Sernambitiba, o mais preservado no “sítio D.Laura” em Belford Roxo. Outros menos completos foram escavados no “sítio da Baixada”, também naquele município; na Base Aérea Naval de São Pedro da Aldeia e no “sítio do Marco”, no Piaí, periferia da cidade do Rio de Janeiro. Buarque (op.cit.) descreve mais três deles, escavado no sítio Morro Grande, de forma que é possível detectarmos um padrão repetido.

A urna principal (urna 1), onde jaziam os ossos, é normalmente de formato periforme, corrugada espatulada e pode assumir um considerável tamanho (as maiores da Tradição na área), com bocas circulares, variando de 42 a 65 cm de diâmetro (normalmente cerca de metade da altura da peça, mas podendo chegar a 95% dela). Sobre ela era depositada uma grande tigela rasa, profusamente decorada na face interna, borda reforçada ou expandida, fechando a boca da principal e tendo um diâmetro coincidente com aquela, ou ligeiramente maior. É o que a maioria dos autores chama de “tampa” (urna 2), cuja proporção aumenta bastante, com bocas que ultrapassam a altura da vasilha em até 275%. Algumas vezes (como no sítio D.Laura) ela era protegida por outra tigela, esta mais funda, que, na maior parte das vezes, possui uma carena na borda, sendo também corrugada (urna 3). Esta peça pode envolver inteiramente a peça pintada. Ambas com bocas circulares. Nesta última, como é mais funda, a proporção diâmetro de boca/altura costuma não ultrapassar os 135%. Sobre ela eram colocadas tigelas menores, com bocas elípticas, ou outras, em número variado; três no sítio D.Laura, duas na Base Aérea e até quatro no Morro Grande. Como são as mais rasas, aquela proporção pode chegar a 450%.

Provavelmente tais peças fizessem parte do ritual, desde o momento do sepultamento primário, sendo bem possível fossem produzidas especialmente para o enterramento (ver testemunho do padre Manoel da Nóbrega, ed.1931).

Em outras oportunidades, em especial quando da deposição de jovens, usava-se vasilhame utilitário ou até mesmo parcialmente fragmentado, como observamos em sepultamento no interior de Minas Gerais, no sítio “Mata das Garças”, onde, apesar disso, duas tigelas pintadas foram colocadas sobre a pequena peça principal. Naquela região observamos também, em dois enterramentos exumados na “Fazenda dos Óleos”, no município de Três Pontas, que os acompanhamentos de tigelas pintadas foram colocados ao redor da urna principal, aparentemente em cova especialmente aberta para isto. Estes traços se referem, no entanto, à fase Belvedere, localizada por nós em Minas Gerais e que não incluímos neste estudo, a não ser para comparação (ver, Dias & Carvalho, 1975).

Outros elementos, de menor monta, e ainda em análise poderão vir também um dia a caracterizar melhor a Tradição Tupi em nossa região. Por hora, estes sete fatores peculiares, sobre os quais a repetição da ocorrência permite entender como diagnósticos identificadores, servem para o propósito do texto, conformando um esboço válido, cuja segurança deriva da soma de trabalhos de campo e laboratório, nossos e de colegas, que permitiram sua definição.

Conclusão

Uma das críticas que recebemos ao estabelecer as fases citadas é de que acabaríamos identificando mais unidades arqueológicas do que sociedades tribais na região. Nada mais fácil de refutar. Basta que consultemos os textos contemporâneos da conquista, para constatarmos a intensidade do povoamento Tupi na área, com muito mais aldeias identificadas do que sítios pesquisados, ou fases reconhecidas. Jean de Léry, por exemplo, inventaria doze delas em torno da Guanabara, mais seis para o interior (ed.1960:99). Anchieta, nos “Autos de São Lourenço” se refere a outras dezoito, número sem dúvida muito inferior às mais de 160 delas devastadas por Mem de Sá na Bahia, segundo

sua “De Gestis Mendi de Saa” (ed.,1906:34). Muitas outras aparecem nas crônicas da conquista de Cabo Frio; nas peregrinações de Knivet, ao terminar o século XVI, na correspondência dos jesuítas ou nos inúmeros documentos de demarcações de terras de sesmarias.

Frente a este quadro, voltamos à questão inicial, concluindo que ainda estamos longe do dia em que os pesquisadores poderão, de fato, considerar este assunto esgotado. Mal podemos delimitar, por exemplo, e com alguma segurança, o território de domínio desta Tradição por aqui. De um lado observamos que adentrou, no Norte, área tida como Goitacá - em termos arqueológicos, zona da Tradição Una, em Campos -, alcançando a região de Vitória, no Espírito Santo; de outro nos surpreende o fato de nunca termos registrado traços de sua presença no Sul do Estado, esta sim área historicamente reconhecida como Tupi, apesar dos anos de pesquisa ali desenvolvidos. O rio Paraíba segue aceito como limite da sua expansão interiorana, pela falta de descobertas similares na sua margem mineira.

Considerando, ainda, que os testemunhos históricos acima citados se referem a dezenas de aldeias, e que todos eles a uma estreita faixa de tempo, no máximo recuando aos inícios do século do descobrimento; que povos da Tradição já se encontravam por aqui há quase dois milênios, e que, portanto, a presença desta gente forçosamente deixou disseminados pelo campo milhares de evidências sequer conhecidas, quanto mais pesquisadas, concluímos que, sem dúvida, falta ainda muito, mas muito mesmo, para que possamos parar de nos preocupar em construir um quadro válido desta riquíssima cultura, parte integrante e fundamental da nossa etnia.

Entendamos, pois, que esta síntese não almeja nada além do propósito para o qual se destina, isto é, o de servir como elemento base, como simples alicerce ou como a plataforma de manejo que nos referimos no início, sobre a qual dados mais profundos e idéias mais complexas possam ser lançados.

O Interior do Sudeste (Minas Gerais)

Caracterização regional

No território do atual estado de Minas Gerais a atenção dada aos sítios *Tupiguarani* sempre foi menor que aquela dispensada às demais tradições ceramistas, Una e Sapucaí.

Os poucos sítios *Tupiguarani* conhecidos estão dispersos em um grande espaço territorial que inclui áreas pontuais na bacia do Rio Grande, Paranaíba, São Francisco, Velhas, Jequitinhonha, Mucuri, Doce e Paranaíba do Sul (Figura 5). Com o início das pesquisas nestas regiões, até então pouco exploradas, o papel das populações ceramistas *Tupiguarani* na pré-história recente vem sendo reconhecido.

Pretendemos apresentar uma compilação do material *Tupiguarani* situado em Minas Gerais marcando suas particularidades e semelhanças dentro do cenário da região sudeste. Para tanto, utilizaremos, como guia, os vales dos rios, começando no sul do estado, na bacia do rio Grande, para prosseguirmos desde o interior, na bacia do Paranaíba, até nos aproximarmos do litoral, passando pelo rio São Francisco, das Velhas, Jequitinhonha, Mucuri, Doce e Paraíba do Sul.

I - Vale do Rio Grande

A Bacia do Rio Grande, na região sul de Minas Gerais, foi objeto de pesquisas arqueológicas em duas oportunidades, nos anos 1970 e 2000.

Vale do Sapucaí

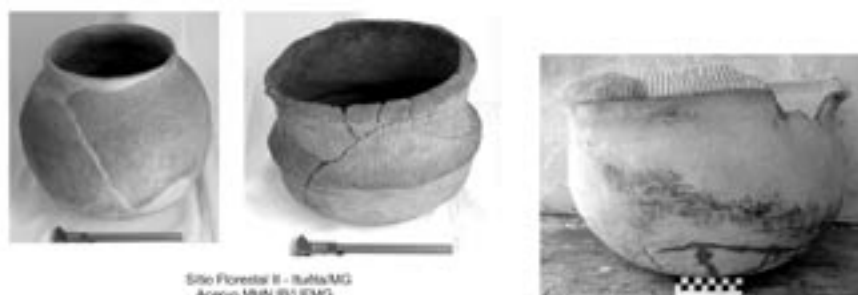
Entre 1970 e 1975 a equipe do *Instituto de Arqueologia Brasileira* identificou um conjunto de quatro sítios localizados nos municípios de Alfenas e Santa Rita do Sapucaí. Estes sítios estão situados em elevações suaves (cota

Vasilhas Tupiguarani no Estado de Minas Gerais



Uma funerária e fragmentos de pote com decoração incisa
Museu da Lapinha - Lagoa Santa/MG

Vasilhas abertas
Acervo MHNJ/UFMG



Sítio Florestal II - Itaúna/MG
Acervo MHNJ/UFMG

Sítio Aldeia do Turvo Grande
Andrébndia/MG - Acervo NFA



Sítio Florestal II - Itaúna/MG
Acervo MHNJ/UFMG



Lapa do Índio - Vale do Paraíso/MG
Acervo MHNJ/UFMG

Foto: A. Carvalho

Figura 4, feita por A. Carvalho, do MHNJB/UFMG

de 50 metros), distantes, no máximo, 250 m das margens do Rio Sapucaí e seus afluentes (Dias: 1974; Dias, Cheuiche & Carvalho: 1975). Em geral os sítios apresentam extensão variando entre 5.000 e 10.000 m² e pacote ocupacional superficial (tendo, em média, 30 cm de profundidade e, em casos de enterramento, 80 cm).

O material soma 1.233 cacos cerâmicos, dentre os quais 66% não apresenta decoração, 12% apresenta decoração pintada (inclui cacos com banho vermelho, e com engobo branco com padrões pintados em vermelho ou preto) e 22% tem algum tipo de decoração plástica. Os padrões decorativos plásticos mais comuns são as variações de corrugados e o ungulado (7% e 6%, respectivamente), o escovado e o inciso aparecem com menor força (4 e 2%) e outras expressões de decorações plásticas são ainda mais raras, como o digitado, entalhado, polido-estriado, ponteadado e raspado (menos de 1%).

A análise da seriação feita por Dias, Cheuiche & Carvalho (1975) indica, entre os fragmentos sem decoração, uma tendência de aumento do tempero com grãos finos de quartzo, ao mesmo tempo em que há um decréscimo do tempero com grãos grossos de quartzo e do tempero argiloso. Entre os fragmentos decorados, os corrugados apresentam uma curva de popularidade 'naviforme' mais nítida, ocorrendo o mesmo com os ungulados, de forma mais tímida. A decoração escovada tende a aumentar na medida em que os demais tipos plásticos diminuem. Os fragmentos pintados aparecem de forma irregular na seriação, embora esta modalidade decorativa seja popular. Este conjunto material foi reunido na fase *Belvedere* e atribuída, pelos autores citados, dentro do contexto dos anos 70, à Subtradição Corrugada. As duas datações disponíveis são de 520 ± 90 A.P. e 720 ± 150 A.P.

Ainda no final dos anos 70, outros dez sítios foram identificados pela equipe do IAB, nos municípios de Paraguaçu, Fama e Carmo do Rio Claro, e foram analisados pelo instituto (Comunicação pessoal, Dias: 2003). Este conjunto de sítios apresenta características semelhantes à fase *Belvedere* no que toca sua localização e os aspectos técnico-morfológicos da cerâmica. Do total do material cerâmico (1.079 cacos), 60% não apresenta decoração, 24% apresenta decoração plástica e 16% pintada. Entre o total de cacos decorados (423 cacos), 40% apresenta decoração pintada, 20% decoração ungulada, 14% corrugada, outras decorações plásticas não atingem 1% (inciso, digitado, acanalado, ponteadado). A seriação mostra uma curva de popularidade 'naviforme' expressiva para os cacos pintados. A frequência de fragmentos corrugados aumenta na medida em que há uma diminuição dos demais tipos plásticos menos expressivos, citados anteriormente (inciso, acanalado, digitado, ponteadado). A decoração ungulada é constante e expressiva no gráfico, embora não apresente uma curva de popularidade clara.

Além deste material cerâmico, dois sepultamentos secundários, ambos em urna carenada corrugada-espatalada, foram exumados nos municípios de Santa Rita do Sacupaí e Alfenas dentro do contexto da fase *Belvedere*. Um deles sem acompanhamento e com ossos completamente deteriorados, outro contendo fragmentos esqueléticos de criança com cerca de 7 anos. Este último traz algumas particularidades: a urna estava quebrada e havia fragmentos de outro pote que "preenchem" o vazio da quebra, protegendo o interior da urna; uma tigela pintada foi emborcada na boca da urna, servindo como tampa (Dias, Cheuiche & Carvalho, 1975:9-10).

Na mesma região do vale do Rio Sapucaí, no município de Conceição dos Ouros, foram exumadas duas estruturas funerárias no decênio de 90 pela equipe do *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Em uma das estruturas apareceram duas urnas piriformes com decoração plástica; uma delas com decoração espatalada e incisa, a outra com decoração corrugada e espatalada. Outras duas tigelas, uma com belíssima decoração pintada na face interna, e outra com lábio serrilhado, completavam o sepultamento. A outra estrutura funerária envolvia uma urna piriforme com decoração plástica zonada entre o espatalado, o digitado e o ungulado; e uma tigela com decoração incisa, que servia de tampa à urna.

Vale do Rio Turvo

Em 2002 a equipe do *Setor de Arqueologia do Museu de História Natural e Jardim Botânico/UFMG* investiu em

FIGURA 5:
Localização da Tradição Arqueológica Tupiguarani em Minas Gerais

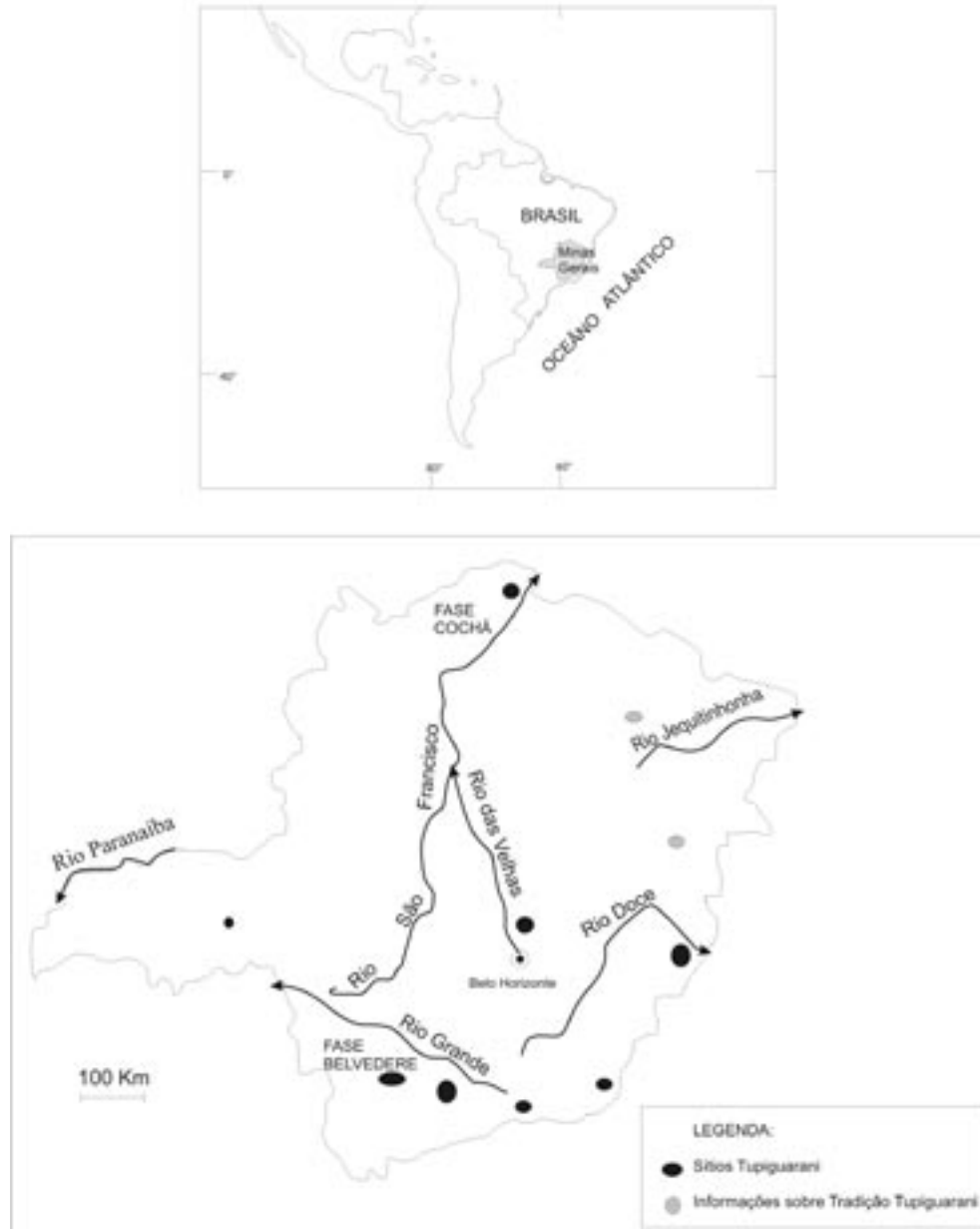


Figura 5, feita por A. Carvalho, do MHNJB/UFMG

uma escavação de ampla superfície em um sítio *Tupiguarani*, no município de Andrelândia. O sítio encontra-se em elevação suave distante, cerca de 100 metros das margens do Rio Turvo, em área pouco maior que 10.000m .

Os fragmentos cerâmicos somam 9.624 cacos, dentre os quais 78% não apresenta decoração, 15% com decoração plástica e 7% com decoração pintada. Dentre os cacos decorados (1.409 fragmentos) a primazia é dos tipos corrugados (33%), seguidos pelos diversos padrões pintados (31%). Os fragmentos unglados estão bem representados (18%), sendo mais raros os demais tipos com decoração plástica, como o inciso, digitado, acanalado e ponteadado (entre 7 e 2%, cada um). Outras expressões decorativas são ainda menos frequentes, como o digitungulado, escovado, unglado com engobo branco e inciso com engobo branco (não atingem 1% do total). Além de poucos fragmentos com decoração mista, um fator diferencial neste sítio foi a presença de modelagens figurativas e outros utensílios modelados como trespes e conta de colar (vide artigo neste volume, Panachuk & Carvalho). As características técnicas e as porcentagens dos tipos decorados não se diferenciam daquelas expostas para a *fase Belvedere*. As datações obtidas por termoluminescência para este sítio foram de 480 AP e 700 A.P. (Instituto de Física/USP) e são coerentes com as demais datas da região.

O material deste sítio foi tratado de forma a poder ser comparado com os demais, analisados durante o *PRONAPA*. Neste sentido os cacos foram classificados em tipos e apresentados com a mesma disposição gráfica de uma seriação. A porcentagem de diversos tipos decorados não evidenciou nenhuma modificação de um nível artificial para outro. Por fim, inspirando-nos no trabalho de Meggers & Maranca (1980), cruzamos os tipos de fragmentos com a disposição espacial do material *in loco*. O resultado indica uma oposição entre os setores Leste e Oeste do sítio. A metade oriental apresenta maioria absoluta dos tipos pintados (40%), enquanto a metade ocidental tem dominância dos tipos corrugados em suas diversas variações (36%), e uma maior representação dos demais tipos plásticos, como o inciso, digitado, acanalado e ponteadado (este aumento é de cerca de 5% em cada tipo). A decoração unglada mantém-se estável, aparecendo com exatos 18% em cada uma destas regiões do sítio.

Embora a quantidade de fragmentos cerâmicos pareça expressiva o alto grau de fragmentação dos potes nos impossibilitou reconstituir qualquer forma. Cabe dizer que o peso do material é mínimo, soma 80 kg.

No município de Andrelândia a única estrutura funerária conhecida conta com uma vasilha elíptica com decoração unglada duplamente cambada, cuja base, quebrada, era protegida por grandes fragmentos de um pote piriforme. Havia ainda uma tigela emborcada na abertura da 'urna', que lhe servia de tampa. A datação disponível é de 610 ± 15 A.P. (Instituto de Física/USP).

Nestas duas regiões da bacia do rio Grande, no vale do rio Sapucaí e no vale do rio Turvo, os sítios da *Tradição Tupiguarani* são menos expressivos e numerosos que os da *Tradição Sapucaí*, embora tenha exercido maior influência no conjunto artefactual cerâmicos desta tradição. Há possibilidade de ocupação do espaço por ambas as tradições e marcas de influência material de uma pela outra.

Dias (1971) aponta na direção de uma aculturação, uma "tupinização" das fases *Itaci* e *Sapucaí*, da *Tradição Sapucaí*. Segundo o autor a variação dos padrões morfológicos e a diversidade dos padrões decorativos (engobo vermelho, inciso, estriado, escovado, acanalado, engobo branco, unglado, digitado, entalhado, corrugado simples e corrugado-espatalado), atestam o contato entre as fases destes dois grupos ceramistas, *Sapucaí* e *Tupiguarani*.

II - Vale do Rio Paranaíba

No extremo Oeste de Minas Gerais (Triângulo mineiro), foram identificados sete sítios atribuídos à *Tradição Tupiguarani* (Junqueira, 1995, Chmyz, 1995), localizados durante o processo de licenciamento ambiental da UHE Nova Ponte.

Os dois sítios localizados por Chmyz estão situados em meia encosta de colina suave, próximos ao Rio Quebra Anzol; e ocupam uma área de 10.000 e de 20.000m . Em geral apresentam como técnica principal o acordelado, havendo

casos de apliques modelados como alças nos vasilhames e numerosas modelagens não descritas. O material cerâmico contam com 2.444 cacos, dentre os quais 54% não apresenta decoração, e as variedades de decorações plásticas e pintadas aparece com exatos 23% cada. Entre os cacos sem decoração o tempero é composto por quartzo fino (<1mm) e por grãos grossos de quartzo (>1mm). Entre os fragmentos decorados (1.140 cacos) o tipo pintado é expressivo (atinge 50%), seguido do tipo corrugado em suas diversas variações (30%) e dos cacos ungulados (15%). Menos representativos são os fragmentos com decoração entalhada, ponteadada, acanalada, nodulada, serrungulada, digitungulada, pinçada e marcada com tecido (que não atingem 1%). Vale notar que há fragmentos com decoração mista conjugando corrugado e engobo vermelho, corrugado e ungulado, corrugado e escovado, corrugado e lábio entalhado.

Chmyz (1995) salienta a diferença de tempero e padrões decorativos aplicados. Em um dos sítios o tempero utilizado em primazia é o tipo fino que tende a aumentar nos níveis superiores. Enquanto no outro sítio a maioria é do tipo grosso que tende a aumentar na medida que o tempero fino diminui. Os fragmentos com engobo vermelho e aqueles com pintura são populares e apresentam a mesma tendência em ambos os sítios, diminuindo no topo do gráfico. O corrugado apresenta uma tendência a aumentar no topo do gráfico, ao mesmo tempo, há uma diminuição dos tipos ungulados em um dos sítios (Macaúba). No outro sítio (Andorinha) há uma tendência do corrugado em diminuir no topo do gráfico, enquanto o ungulado se mantém estável. Os demais tipos decorados são pouco expressivos e, como aponta Chmyz (1995:291), mantiveram-se regulares em ambas as coleções.

Os sítios abordados por Junqueira apresentam localização topográfica e características técnicas semelhante aos demais anteriormente descritos. Há, no entanto, dois fatores distintivos entre o material, um de cunho técnico e outro estilístico.

O aspecto técnico diferencial apontado por Junqueira está no uso de barbotina, que descreve como uma “cobertura por uma pasta de barro diferente da argila constituinte da cerâmica” (Junqueira, 1995: 71). Embora o autor não associe esta técnica a algum dos tipos enumerados por ele, podemos supor que tal tratamento de superfície esteja relacionado aos vasilhames com decoração pintada (para uma discussão mais detalhada ver neste volume: Panachuk & alii, bem como Carvalho, Panachuk & Jácome).

A característica estilística deste material inclui, entre os fragmentos decorados, a predominância absoluta das variações do tipo corrugado (81%), seguido do pintado (7,8%) e do ungulado (6,7%). Outras modalidades de decoração plástica também ocorrem como o escovado, borda incisa, inciso e outros menos expressivos (Menos de 5% do total). Cabe notar que este autor não apresenta os dados quantitativos do material, e nem mesmo inclui os fragmentos não decorados em sua análise. O argumento é de que havia uma mistura muito grande de materiais de distintas ocupações que impossibilitaram uma separação dos cacos.

Chmyz e Junqueira enfatizam a presença de material intrusivo da Tradição Aratu-Sapucaí nos pacotes ocupacionais superiores. Neste sentido também nesta região parece ter havido contato entre estas diferentes populações ceramistas, seja na escolha do espaço a ser ocupado, seja no contato cotidiano com a divisão do espaço. No entanto a ausência de datações e as perturbações estratigráficas decorrentes do plantio limitam o valor destas suposições.

III - Vale do Rio São Francisco

No alto-médio curso do Rio São Francisco (extremo Norte de Minas Gerais) o IAB identificou, em meados dos anos 70, sete sítios que foram atribuídos a duas fases¹ da Tradição Tupiguarani: *Cochá* e *Catuni*. A quantidade de material cerâmico das duas fases é de 633 cacos para ambas as fases.

1 Nas publicações (Dias, 1975; Carvalho & Cheuiche, 1975) o conjunto material dito *Cochá* é definido como *fase* e o outro, *Catuni*, como sua *subfase*. No entanto, em decorrência das diferenças técnicas, morfológicas e geográficas entre tais conjuntos, Dias (comunicação pessoal: 2003) levanta a possibilidade de serem entendidas como duas fases distintas. Assim serão tratadas neste texto, como duas fases distintas, para reforçar as diferenças materiais existentes entre os conjuntos, para além das suas semelhanças.

Os sítios estão situados tanto em áreas a céu aberto em meia encosta de elevações suaves, apresentando extensões variadas (de 200m² a 18.000m²), quanto em abrigos e cavernas calcárias de diferentes dimensões. São cinco os sítios atribuídos à *fase Cochá*, concentrados na microbacia do rio homônimo, que distam cerca de 400 km dos outros dois sítios da *fase Catuni*, estes na microbacia do rio São Domingos (Carvalho & Cheuiche, 1975). A única datação disponível é de 1.200 A.P. para a *fase Cochá*.¹

Em geral a cerâmica atribuída à *fase Cochá* apresenta preferencialmente tempero de grãos grossos (>2mm) de hematita, quartzo e feldspato. A decoração pintada aparece em primazia, seguida do escovado, polido, ungulado e corrugado. As outras fórmulas decorativas mais raras são o raspado, inciso, ponteadado e acanalado. Na *fase Catuni* o tempero utilizado consiste em grãos finos (<2mm) de hematita e argila. E os padrões decorativos mais expressivos são o pintado, o corrugado, o ungulado; e mais raro o escovado e o entalhado.

No início da década de 80, Junqueira e Malta (1981) mencionam o material cerâmico encontrado em coletas de superfície e sondagens realizadas nos municípios de Januária e Montalvânia/MG. Esta região se sobrepõe à área definida pelo IAB como *fase Cochá* havendo justaposição de alguns dos sítios estudados. As vasilhas e cacos analisados são pouco numerosos e apresentam predominância de padrões ungulados. Nesta publicação há registro de dois potes inteiros na Lapa do Índio: uma miniatura (8 cm de abertura na boca), globular, com decoração incisa e um pote elíptico duplamente cambado com decoração ungulada.

A publicação mais recente (Prous, Brito & Alonso, 1994) apresenta quatro potes em excelente estado de conservação, um proveniente da Lapa do Índio, outro do sítio Virgulino e os dois potes da Lapa das Abelhinhas, também com decoração ungulada em pote elíptico duplamente cambado. Os autores reforçam a análise técnica feita anteriormente para o vale e propõem uma relação entre a morfologia dos potes e a sua localização nos abrigos cársticos. O material encontrado enterrado nos abrigos seria predominantemente composto por cacos de potes abertos, enquanto os vasilhames elípticos, duplamente cambados semi inteiros, foram encontrados como que escondidos nas fendas e nichos calcários, talvez com uma conotação ritual. Nas áreas a céu aberto fora do *canyon* há registro de sítios-habitação com uma maior quantidade de potes fechados, como içaçabas e potes piriformes (1994:77). Os autores chamam a atenção para a tendência da Tradição Tupiguarani em ocupar a região das veredas e planícies do vale do Peruaçu, evitando o *canyon*, reduto da *Tradição Una*, e o vale do São Francisco.

No alto curso do Rio São Francisco a *fase Piumhi* (definida pelo IAB no final de 1970) da *Tradição Una* apresenta, em alguns sítios, material intrusivo da *Tradição Tupiguarani* (Dias, 1982). Uma das morfologias freqüentes é de fragmentos de pote elíptico duplamente cambado com decoração ungulada. No entanto, nos trabalhos recentes que vem sendo desenvolvidos nesta região ainda não há registro de sítio com material Tupiguarani.

IV - Vale do Rio Jequitinhonha

No Nordeste do estado de Minas Gérias, não houve ainda estudos sistemáticos de sítios *Tupiguarani*. As informações que dispomos são do município de Salinas, onde foram encontrados dois potes infletidos, um deles com decoração pintada e uma tina oval pintada externa e internamente. Estamos em contato com o proprietário dos potes para uma futura visita e dispomos, somente, de registros fotográficos.

Informações recentes estão sendo levantadas pelo arqueólogo Carlos Magno Guimarães através de trabalhos de consultoria na região e indicam a existência de outros sítios Tupiguarani nesta região.

V – Vale do Mucuri

Para esta região não dispomos de dados bibliográficos, no entanto foram localizadas, no acervo do MHNJB/UFMG, duas peças provenientes dos municípios de Carlos Chagas e Teófilo Otoni.

Do primeiro conhecemos uma modelagem figurativa associada a sítio Tupiguarani e, do segundo uma vasilha elíptica duplamente cambada com decoração ungluada.

VI - Vale do Rio das Velhas

Na Bacia do Rio das Velhas, na região central de Minas Gerais, foram apontados alguns sítios com material cerâmico Tupiguarani desde os anos 60 por Harold Walter (1958), Hurt & Blasi (1969) e Laming-Emperaire & alii (1974). Foram feitas coletas superficiais e sondagens em quatro sítios a céu aberto e no Abrigo do Sumidouro, descrito por Walter, e na Lapinha IV, por Laming-Emperaire. Este conjunto de sítios foi reabordado na publicação de Junqueira & Malta (1978), onde foram apresentados os dados de cinco sítios cerâmicos da mesma região cárstica, nos municípios de Jaboticatubas, Matozinhos e Pedro Leopoldo. Em geral os sítios apresentam diâmetro de 20 a 200 m e se localizam em encostas suaves, próximas à fonte d'água. A técnica de manufatura da cerâmica é por acordelamento. O tratamento de superfície é alisado com estrias e a queima é reduzida na porção central em cerca de 80%. O tempero utilizado é composto preferencialmente por quartzo hialino e leitoso, filito; mais raro, o carvão, mica, hematita e manganês (1978: 168). Dentre os temperos foi citado nesta publicação o amianto (identificado por R. Teixeira), embora pareça tratar-se de cariapé (Comunicação pessoal, Prous: 2004). Entre os padrões decorativos mais comuns aparecem as modalidades pintadas e diversas formas de padrões ungluados. Os autores não conseguiram reconstituir as formas dos vasilhames devido à grande fragmentação dos cacos.

Em publicação recente Prous, Baeta & Rubiolti (2003) mencionam os fragmentos encontrados na região de Lagoa Santa, apontando a tendência deste grupo em evitar a zona cárstica, limitando sua penetração à proximidade do curso do Rio das Velhas. Todos os sítios da Tradição Tupiguarani estavam circundados por outros bem mais numerosos, atribuídos à Tradição Sapucaí. Os autores, retomando uma idéia anteriormente proposta por Junqueira, aventam a possibilidade dos poucos fragmentos Tupiguarani encontrados na região calcária terem vindo de fora.

Nesta região foi evidenciado uma estrutura funerária, o vasilhame de ombro escalonado pintado continha alguns dentes e fragmentos do crânio de um jovem adulto, e ainda potes menores, colar de contas de pequenos seixos, bola de argila branca (talvez caulinita), plaquetas de xisto e hematita trabalhadas, além de duas lâminas de machados polidos, completavam o enxoval fúnebre (Prous, Baeta, Rubiolti: 2003:98).

VI - Vale do Rio Doce

Médio curso do rio Doce

Na região Leste de Minas Gerais, na Bacia do Rio Doce, a equipe do MHNJB/UFMG em parceria com a UHE/Aimorés identificou quase duas dezenas de sítios Tupiguarani, localizados nos municípios de Ituêta, Resplendor e Aimorés (Baeta & Alonso, 2004). Dentre os sítios, dezessete estão situados em meia encosta de colina suave próximos a cursos d'água, havendo, no entanto, dois sítios situados em topo de morros de encosta abrupta (vide artigo neste volume, Panachuk & alii), local incomum de ocupação destes ceramistas.

Entre os sítios localizados em meia encosta de colina suave foram exumados 5.265 cacos, dos quais 80% não apresenta decoração, 11% com decoração plástica e 9% com decoração pintada. Os fragmentos decorados somam 860 cacos, deste total a predominância é dos tipos corrugado (40%), seguido de modalidades pintadas (25%) e ungluadas (14%), sendo escassos os padrões estriados, escovados, acanalados, incisos, digitados, ponteados, digitungluados e marcados com cestaria (entre 1 e 2%, cada um).

Em relação aos sítios situados em topo de elevação o material cerâmico soma 1.932 cacos dos quais 70% sem decoração, 11% com decoração plástica e 19% com decoração pintada. A predominância é de fragmentos pintados (63%), seguidos dos padrões acanalados (17%), corrugados (10%) e ungluados (8%); fragmentos com decoração incisiva, ponteados, escovados e digitados são mais raros (não chegam a atingir 1% cada um).

Os fragmentos sem decoração apresentam, nas duas formas de ocupação da paisagem, predominância de tempero de grãos finos (<1mm) de quartzo.

A técnica utilizada para a manufatura dos potes foi o acordelado havendo também a presença de objetos construídos pela técnica da modelagem.

Foram exumadas três estruturas funerárias. A primeira delas envolvia dois potes, um piriforme com decoração corrugada utilizada como urna e, outro elíptico duplamente cambado com decoração ungulada, que servia de tampa, somente alguns dentes foram encontrados na urna. A segunda outra estrutura contava exclusivamente com um pote elíptico, duplamente cambado, com decoração ungulada, inteira, sem nenhum outro vestígio arqueológico associado. E a terceira envolvia somente uma tigela pintada na face interna.

VII Alto curso do Rio Doce

No município de Mutum (alto curso do Rio Doce) foram localizados 4 sítios Tupiguarani a céu aberto durante processo inicial de prospecção. Três deles estão localizados em meia encosta de colina suave, o quarto aparecendo em topo de morro abrupto. Os sítios ocupam áreas que variam entre 200m e cerca de 44.000m², estão situados próximos aos afluentes do rio Doce como o Rio São Manoel e ribeirões menores. Um dos sítios apresenta uma mancha de ‘terra preta’ e duas possíveis estruturas funerárias foram localizadas em dois destes sítios. O material cerâmico deste município ainda não foi analisado, mas gostaríamos de chamar a atenção para a presença de um apliance antropomorfo localizado neste município (vide artigo neste volume, Panachuk & Carvalho).

VII - Vale do Paraíba do Sul

Na Bacia do Rio Paraíba do Sul (Zona da Mata), as pesquisas foram iniciadas recentemente, estando sua análise ainda em curso. Ana Paula de Paula e Ângelo Alves Côrrea apresentaram, durante o XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira (2003), os primeiros resultados obtidos com a análise de 1 sítio, localizado no município de São João Nepomuceno. O sítio está localizado em topo de morro abrupto e foi atribuído à Tradição Tupiguarani. O material cerâmico inclui fragmentos pintados (engobo branco/linhas e pontos pretos) com diversos padrões ainda bem conservados e fragmentos com decoração plástica (corrugado, ungulado, inciso, escovado). Além deste material foi evidenciada modelagem zoomorfa, borda com apliance e alças. Segundo os autores, os sítios apresentam ‘terra preta’ e uma possível estrutura de queima de instrumentos cerâmicos composta por “lítico, cerâmica, restos de argila e fragmentos de vasilhames não queimados, podendo tratar-se de um espaço de produção de cerâmica” (2003:118).

Kneip & Crancio (2003) apresentaram os resultados obtidos na análise de um sítio a céu aberto localizado no município de Leopoldina, em trabalho desenvolvido em 1997. O sítio, Fazenda Vargem Linda, está situado em topo de colina de elevação suave, próximo à margem do Rio Pardo e apresenta mancha de terra escura, tratando-se de uma unidade habitacional com 24m² (6x4m). A “casa” teria formato oval e comportaria, em sua extensão, um fogão (30x40cm) com argila compactada. Os fragmentos são, em sua grande maioria, corrugados, e, menos abundantes são os cacos pintados, entalhados, ungulados e digitungulados. Somente uma vasilha pintada foi reconstituída neste sítio; as outras morfologias não foram identificadas devido à grande fragmentação dos cacos.

Características gerais: a Tradição Tupiguarani em Minas Gerais

No atual estado de Minas Gerais foram localizados, até o presente momento, mais de 50 sítios arqueológicos atribuídos à Tradição *Tupiguarani*, com material cerâmico computado em mais de 24 mil cacos cerâmicos analisados.

A extensão média dos sítios está entre 5 e 15.000 m² e o pacote ocupacional gira em torno de 20 cm, e, em caso de enterramento pode chegar a 1 m de profundidade. A maioria dos sítios conhecidos estão localizados em meia encosta de colina suave, havendo casos de ocupação de topos de morros abruptos (Bacia do Rio Doce, Parnaíba do Sul) e mesmo de cavernas e abrigos nas regiões cársticas ocupadas (Bacia do Rio São Francisco e Rio das Velhas).

Em relação ao material cerâmico a técnica de manufatura utilizada foi o acordelado para a construção do pote. Encontramos casos pontuais de utilização da técnica da modelagem em apliques figurativos, alças e instrumentos diversos como trespes e contas de colar. Estas modelagens ocorrem na bacia do rio Grande (município de Andrelândia), Parnaíba do Sul (São João Nepomuceno), Doce (Ituêta e Mutum) e no Mucuri (Carlos Chagas).

A textura geral do material é regular, com dureza variando entre 3 e 3,5 na escala Mohs e queima redutora central. O tratamento de superfície varia em relação à morfologia e ao tratamento decorativo que será dado ao vasilhame. Notamos que há maior investimento de regularização e acabamento da superfície quando o pote irá receber padrões pintados. Isto pode culminar com a preparação superficial através da barbotina (Bacia do Rio Parnaíba e Rio Doce).

Em termos quantitativos parece haver uma constância percentual entre os tipos nas diversas regiões analisadas (Figura 6). Em relação à bacia do Rio Doce (Fig. 6a) a pequena diferença quantitativa marca também uma grande diferença na ocupação da paisagem, sítios de topo de morro e em meia encosta de colina suave. Já na Bacia do Rio Grande parece haver uma continuidade entre um grupo de sítios e outro (Fig. 6b). Quando à Bacia do Rio Parnaíba e do São Francisco há uma maior quantidade de fragmentos cerâmicos decorados (Fig. 6c/6d). Seria fruto somente de uma maior preservação?

Quando analisamos o material por região notamos que nas regiões Oeste e Norte do estado de Minas Gerais, onde a ocupação Tupiguarani parece ter sido rápida, o material decorado é mais abundante que nas regiões Sul e Leste, onde teriam tido uma estadia mais estável e duradoura (Figura 7).

Acreditamos que esta ocupação se relacione ao que conhecemos como Tupinambá, visto que é muito mais semelhante às formas e decoração típicas do litoral, embora tenha, em alguns casos, elementos Guarani. A implantação de forma tão esparsa e rara neste território tão amplo nos leva a aventar a possibilidade de que tal grupo tenha encontrado certa dificuldade em ocupar o espaço, tal como foi sugerido por Schmitz & Barbosa para a ocupação do estado de Goiás. Em geral a ocupação desta área parece se relacionar a uma ocupação mais recente, de contato indireto com o colonizador branco.

Parece ter havido pouca implantação deste grupo ceramista na região do vale do rio São Francisco e do rio das Velhas, em uma evitação de áreas cársticas em geral. O mesmo ocorre na região do rio Araguari no Triângulo mineiro (vale do Parnaíba).

As regiões graníticas com resíduos de Mata Atlântica como no vale do rio Grande e Rio Doce parece terem sido alvo de ocupações mais estáveis e intensas, é justamente nestas regiões onde aparece o maior número de sítios conhecidos. A região do rio Doce, inclusive, guarda certas semelhanças com a *fase Cricaré* da *Tradição Tupiguarani* definida por Perota para o norte do Espírito Santo, no vale do mesmo rio. Nos sítios destas duas regiões aparecem blocos de pedra e as bolas de argila modeladas que o autor associa ao processo de queima da cerâmica. Nesta região, embora não contemos com datações suficientes, a diferença de localização dos sítios (em meia encosta e topo de morro) pode implicar em dois momentos distintos de ocupação. Neste sentido os sítios de meia encosta de colina suave poderiam estar relacionados a uma ocupação mais antiga, anterior ao colonizador europeu. Enquanto os sítios de topo podem ter ligação com um processo migratório diferenciado preocupado em evitar o contato com o branco. Mas, a ausência de datações e a degradação de vários sítios nos impede de inferir algo mais preciso.

Na região da Zona da Mata, na bacia do rio Parnaíba do Sul os sítios, em geral, apresentam mancha de terra preta e possíveis estruturas de queima de cerâmica, o que nos remete ao que conhecemos na região do Rio de Janeiro.

Figura 2 - Gráfico do material cerâmico Tupiguarani por sítio e por Bacia Hidrográfica

0 10%

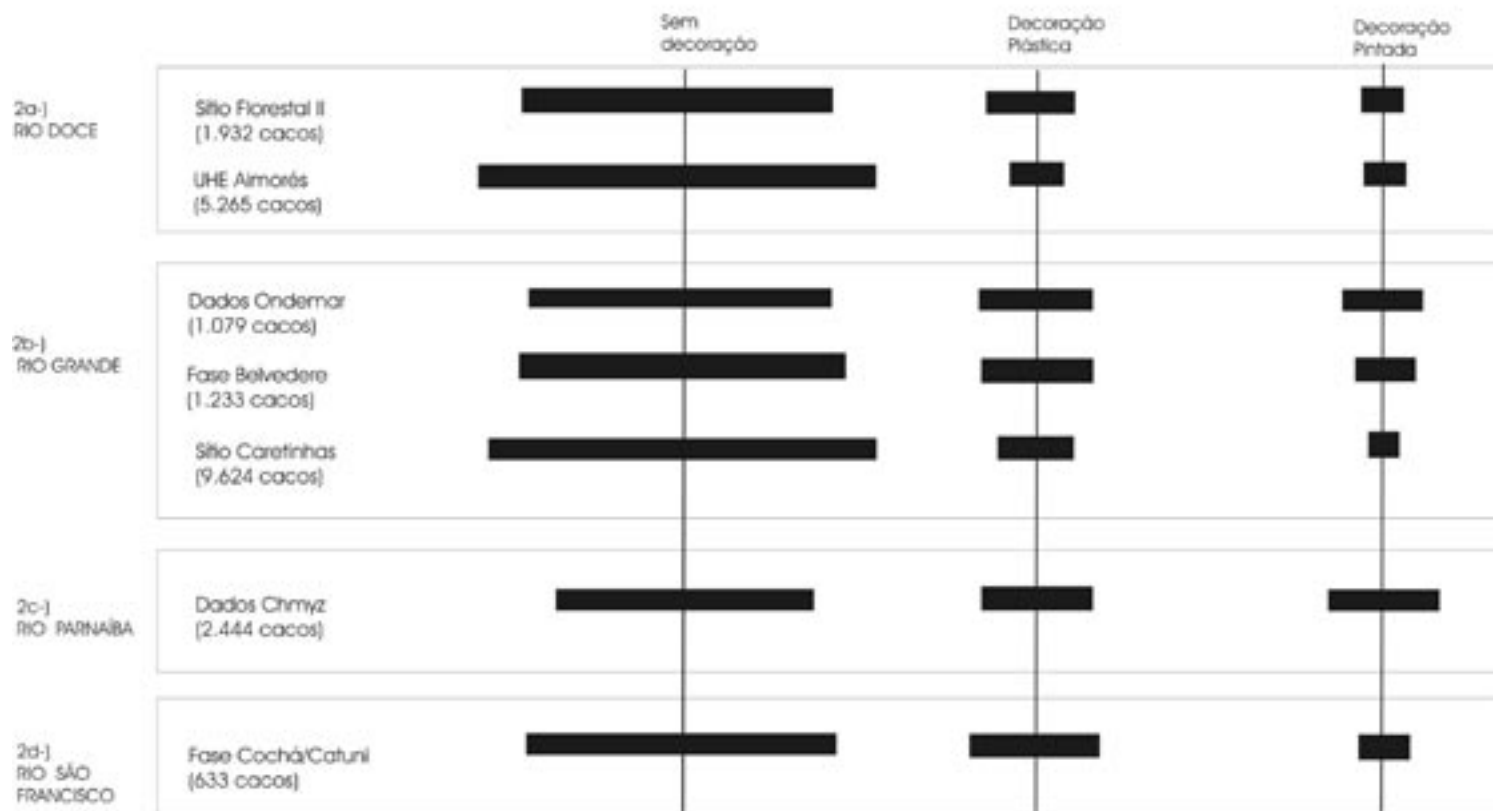


Figura 6, feita por A. Carvalho, do MHNJB/UFMG

A região Nordeste de Minas Gerais, nas bacias do rio Jequitinhonha e Mucuri, é pouco conhecida até o presente momento para inferirmos qualquer ocupação pois nossas informações são esparsas.

Conclusão Geral

O texto aqui apresentado deve ser entendido como uma contribuição dos autores à tarefa de melhor caracterizar a Tradição Tupiguarani na Região Sudeste do Brasil e fornecer subsídios para que a mesma se torne cada vez melhor definida em território nacional.

Existe uma falsa segurança em relação a esta Tradição, o que leva muitos autores a simplesmente identificar como vinculados a ela, sítios em que faltam elementos diagnósticos básicos. Para tanto se valem da ocorrência de decorações que, apesar de típicas, não são exclusivas da Tradição, como a pintura, o corrugado ou mesmo o escovado, técnicas ou padrões comuns ao acervo de muitas outras Tradições. Por outro lado, também a morfologia do seu vasilhame, de tão típicos, já serviram para identificar como Tupiguarani, sítios com cerâmica exclusivamente simples, sem qualquer tipo de decoração.

Tais erros são mais raros quando se trata de material vinculado a qualquer outra das grandes Tradições Arqueológicas Brasileiras, que – para serem devidamente identificadas – exigem detalhamentos muito mais profundos, como a clara identificação da tecnologia de fabrico, morfologia do vasilhame, decorações dominantes e – num nível mais amplo – a

Figura 3 - Gráfico do material cerâmico por região



Figura 7, feita por A. Carvalho, do MHNJB/UFMG

inserção especial e o relacionamento com o meio ambiente circundante.

É, pois, de se esperar, que tais cuidados sejam o mínimo exigido para o trato deste material que representa o testemunho de um povo que colonizou nosso território em tal extensão geográfica, que se constitui uma das maiores sagas humanas, comparáveis às grandes migrações historiadas no Velho mundo. Acrescente-se que por onde passaram deixaram vestígios identificadores, tanto no acervo materializado, quanto na difusão de idéias e técnicas que – de povo para povo, e de geração para geração – chegaram ao nosso cotidiano e persistem ainda hoje entre nós.

E, também, que este volume, em seu todo, contribua significativamente no sentido de aprofundar os estudos sobre os Tupiguarani, colocando-os num patamar de excelência que, por si só, afaste de si as elucubrações fantasiosas e os devaneios deterministas, difusionistas ou de quaisquer categorias que tanto o confundiram nas últimas décadas do século passado.

Bibliografia citada (Rio de Janeiro)

Beltrão, M.C.C. & Kneip, L.M.

1969 – Escavações Estratigráficas no Estado da Guanabara Anais do Terceiro Simpósio de Arqueologia do Rio da Prata esquisas, Inst.Anch.Pesquisas, São Leopoldo, Antrop. 20: 101-112

Brochado, José Proença

1984 – An ecological model of the spread of pottery and agriculture into eastern South America Pf.D.Dissertation. Universidade de Illinois, Dept. de Antropologia. Urbana-Champagne

1989 – A expansão dos Tupi e da cerâmica policrômica amazônica Dédalo, SãoPaulo, 27: 65-82

1991 – Um modelo ecológico de difusão de cerâmica e da agricultura no leste da América Latina. Clio, Série Arqueológica, Recife, UFPr. Nº Extraord. 4: 85-88 Brochado, J.P. et alii

1969 – Arqueologia Brasileira em 1968 Pub.Av. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Pará, Buarque, Ângela

1996 – A cultura Tupinambá no Estado do Rio de Janeiro In: Maria Cristina Tenório, organizadora. “Pré História da Terra Brasilis” Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 307-320.

1999 – Uma Aldeia Tupinambá em Morro Grande Sociedade de Arqueologia Brasileira, SAB. Anais da VIII Reunião Científica Col.Arqueologia. EDIPUCRS, Volume 2: 207-220, Crâncio, Filomena

1987 – Ocorrência de cerâmica na camada superior do sambaqui Zé Espinho In: Lina Kneip, coordenadora: “Coletores e Pescadores Pré-históricos de Guaratiba” .Rio de Janeiro. Ed.UFRJ & EDUFF, Rio de Janeiro Dias Junior, O.F.

1967 – Notas prévias sobre pesquisas arqueológicas no Estado da Guanabara e Rio de Janeiro. PRONAPA, Resultados Preliminares do Primeiro Ano, 1965-66. Pub.Av.Mus.Paraense Emílio Goeldi, 6: 89-100.

1968 – O GB-3 Gentio: um sítio carioca Boletim do Serviço de Museus, DPHA-GB, 1: 5-12

1969 – Resultados preliminares do segundo ano de pesquisas no Estado do Rio de Janeiro. PRONAPA, Resultados Preliminares do Segundo Ano, 1966-67. Pub.Av.Mus.Paraense Emílio Goeldi, 10: 119-129.

1969 – Considerações iniciais sobre o terceiro ano de pesquisas no Estado do Rio de Janeiro. PRONAPA, Resultados Preliminares do Terceiro Ano, 1967-68. Pub.Av.Mus.Paraense Emílio Goeldi, 13: 143-159.

1994/95 – Considerações a respeito dos modelos de difusão da cerâmica Tupi-Guarani no Brasil. Sociedade de Arqueologia Brasileira, SAB. Anais da VII Reunião Científica Revista de Arqueologia. Volume 8: 113-132

2003 – ITABORAÍ – Pesquisas Arqueológicas de Salvamento e seu Contexto Histórico. Projeto SAGÁS Boletim do IAB, Série Monografias, número 3. Dias Junior, O.F. & Carvalho E.T.

1975 – Fase Belvedere: uma fase Tupiguarani do Estado de Minas Gerais Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira, Rio de Janeiro. Vol.7: 5-17 Kneip, Lina M.

1978 – Projeto arqueológico sítio de Três Vendas, Araruama, Estado do Rio de Janeiro. Coleção do Museu Paulista, Série Ensaio, São Paulo, USP, 2: 145-169 Nóbrega, Pe.Manoel, S.J

1931 – Cartas do Brasil, 1549-1560 Publicações da Academia Brasileira, II-História, Cartas Jesuíticas I. Rio. Salles Cunha, Ernesto

1960 - Afecções alvéolo-dentárias em mandíbula de aborígine da Ilha do Governador. Revista do Sindicato de Odontologia, RJ, V.6, Nº 7:13-18. Schmitz, P. Ignácio, S.J

1999 – O Guarani. História e Pré-História In: Maria Cristina Tenório, organizadora. “Pré História da Terra Brasilis” Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 285-291.

Bibliografia citada (Minas Gerais)

BAETA, Alenice & PILÓ, Henrique. 2003 – A presença Tupiguarani no médio vale do Rio Doce - aspectos preliminares sobre sua cerâmica. In: XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira. (no prelo)

CARVALHO, Eliana & CHEUICHE, Lílian.

1975 – Pesquisas arqueológicas na região do Médio São Francisco. In: Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira. Rio de Janeiro, v. 7: 21-52. CHYMZ, Igor.

1995 – Programa de Salvamento Arqueológico- Atividades do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná. Relatório final - Estudos Ambientais DIAS, Ondemar.

1974 – Notas prévias sobre as pesquisas arqueológicas em Minas Gerais. In: PRONAPA, Resultados Preliminares do 5º Ano, 1969-1970. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas, nº 26, pp. 105-116.

1975 – Pesquisas arqueológicas no sudeste brasileiro. In: Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira, Série Especial. Rio de Janeiro, v.1, pp. 3-21. DIAS, Ondemar & CARVALHO, Eliana.

- 1982 – A fase Piumhi: seu reconhecimento arqueológico e suas relações culturais. In: CLIO. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, v. 5, pp. 5-43. DIAS, Ondemar; CHEUICHE, Lilian & CARVALHO, Eliana.
- 1975 – Fase Belvedere: uma fase Tupiguarani do Estado de Minas Gerais. In: Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira. Rio de Janeiro, v. 7: 5-17. HURT & BLASI.
- 1969 – O projeto arqueológico Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil. In: Arquivos do Museu Paraense, N.S. Arqueologia. Curitiba, v.4, pp. 1-63. JUNQUEIRA, Paulo & MALTA, Ione.
- 1981 – Horticultores e ceramistas pré-históricos no noroeste de Minas Gerais. In: Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v. 6/7, pp. 275-287. (Atas da 1ª Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira) KNEIP, Lina & CRANCIO, Filomena.
- 2003 – O sítio cerâmico da Fazenda Vargem Linda- Leopoldina/MG. In: Revista da Sociedade de Arqueologia Brasileira, v. 12/13: 93-102. MEGGERS, Betty & MARANCA, Sílvia.
- 1980 – Uma reconstrução experimental de organização social baseada na distribuição de tipos de cerâmica num sítio habitação da tradição Tupiguarani. In: Pesquisas, Série Antropologia. São Leopoldo Editora Instituto Anchieta de Pesquisas, v. 31, pp. 227-247. LAMING-EMPERAIRE, PROUS, MORAES & BELTRÃO.
- 1974 – Grottes et abris de la région de Lagoa Santa, Minas Gerais, Brésil. Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud. Paris, nº1. PANACHUK, Lílian.
- 2004 – Fragmentos da Tradição Tupiguarani (Minas Gerais/Brasil) Monografia de bacharelado apresentada no curso de Ciências Sociais/Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/UFMG. 2003 – Tradição Tupiguarani em Minas Gerais. Painel apresentado durante o XII Congresso da SAB. PEROTA, Celso.
- 1969/70 – Resultados preliminares sobre a arqueologia da região central do estado do Espírito Santo. In: PRONAPA, Resultados Preliminares do 5º ano, 1969-1970. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas, n.º 26 : 127-140.
- 1971 – Dados parciais sobre a arqueologia norte espírito-santense. In: PRONAPA, Resultados Preliminares do 4º ano, 1968-1969. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas, n.º 15, pp. 149-162. PROUS, Andre, BAETA, Alenice, PANACHUK, Lílian, ALONSO, Márcio.
- 2003 – *Os sítios Tupiguarani "Florestal" I e II (Ituêta, Vale do Rio Doce, MG)*. In: XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira. (no prelo) PROUS, André; BAETA, Alenice & RUBIOLLI.
- 2003 – O patrimônio arqueológico da região de Matozinhos. Conhecer para proteger. PROUS, Andre; BRITO, Marcos & ALONSO, Márcio.
- 1994 – As ocupações ceramistas no Vale do Rio Peruaçu. In: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo, Universidade de São Paulo, v.4, pp. 71-94. PAULA, Ana & PESSOA, Ângelo.
- 2003 – A cerâmica do Sítio Primavera - São João Nepomuceno/MG In: Resumos do XII Congresso da SAB. SCHMITZ, Ignácio & BARBOSA. S/d. – Horticultores pré-históricos do Estado de Goiás. UNISINOS. São Leopoldo, RS. Este texto integraria o 7º volume da SUMA ETNOGRÁFICA. WALTER, Harold.
- 1958 – A pré-história da região de Lagoa Santa (Minas Gerais). Belo Horizonte: Oficinas Gráficas da Papelaria e Tipografia Brasil Velloso & cia Ltda (edição bilingüe- português/ inglês)